

A cena enunciativa e o ethos dos pregadores no discurso das igrejas eletrônicas

Karla Regina Macena Pereira Patriota*

RESUMO

Neste trabalho, debruçamos-nos sobre alguns programas religiosos que transmitem sermões pela TV, procurando analisar como seus discursos legitimam-se a partir do entendimento de que o lugar de onde são proferidos e a forma como as falas são encenadas, tornam-se determinantes para sua eficácia. Trabalhamos com os postulados da Análise do Discurso Francesa (AD) de cena enunciativa e *ethos* a partir da obra de Maingueneau. **Palavras-chave:** Discurso religioso, mídia, cena enunciativa e ethos.

ABSTRACT

In the present work we took a look on some religious programs that broadcast their speech, we try to analyse the way that their speech are legitimated due to the understanding that the place are given and the way they are acting becomes determinant to their efficacy. We work with the enuciative scene of the french Speech Analysis and ethos from Maigueneau work.

Keywords religious discourse, mídia, enuciative scene; ethos

RESUMEN

En este trabajo, analizamos unos programas religiosos que emiten discursos través de la TV, intentando percibir como estos discursos desde el lugar donde son emitidos por la escena de los hablas, se legítiman. Estos son elementos que son determinantes en su eficacia. Ha sido trabajados los postulados del Análisis de Discurso Frances (AD) de la escena enunciativa y ethos, desde la teoría de Maingueneau.

Palabras clave: discurso religioso, medios de comunicación, encena enunciativa, ethos.

Nos últimos vinte anos, assistimos a proliferação de inúmeras formas de produção e uso da televisão na esfera religiosa. Atualmente, no Brasil, diversos programas religiosos são veiculados diariamente em canais abertos e em TVs por assinatura. Segundo a Revista da TV¹, é possível assistir, em apenas uma semana, a mais de 82 horas de missas, cultos, pregações e exorcismos. Como a maioria dos programas é transmitida dos templos e se configuram no formato de sermões, convencionou-se chamar as denominações que realizam transmissões deste tipo de “igrejas eletrônicas”.

No presente trabalho, faremos uma reflexão sobre alguns destes programas que transmitem os sermões das igrejas eletrônicas, procurando analisar como o discurso religioso, veiculado nos meios de comunicação de massa, em especial na televisão, legitima-se a partir do entendimento de que o lugar de onde é proferido e a forma como a fala é encenada, são determinantes para sua eficácia. Dessa forma, estaremos aqui trabalhando com os postulados da Análise do Discurso de linha francesa (AD) com os conceitos de cena enunciativa e *ethos*.

Maingueneau (1993) refere-se à cena enunciativa como a formação discursiva que constrói lugares de enunciação por meio de um funcionamento por heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva². O conceito de cenografia discursiva segundo o autor, diz respeito à situação de enunciação. É exatamente nesta situação de expressão que se instituem o enunciador/co-enunciador, o espaço (topografia) e o tempo (cronografia). Tais instituições são compreendidas a partir da enunciação como formação de sentidos que leva em

conta o relacional existente entre o indivíduo e a língua – suas escolhas materializadas através de determinadas marcas lingüísticas – que podem ser configuradas no processo de interação, nas coerções genéricas e nas variadas perspectivas de constituição da própria heterogeneidade discursiva.

Assim, a cena enunciativa faz referência à cena social como a organização social do discurso, o contexto social, lugares institucionais e seus ritos, a comunidade dos que produzem, dos que promovem a circulação e dos que se reúnem em nome de certo discurso e nele se reconhecem. Dessa forma, o dizer só tem sentido se for pertencente à esfera do social, e não da simples ação individual de cada um dos parceiros das múltiplas interações.

No caso do nosso estudo, o enunciado religioso presente no gênero sermão, associa-se a uma formação discursiva e a um quadro de referências ideológicas determinado numa conjuntura social. É desse lugar social que as igrejas que utilizam os meios de comunicação de massa tornam-se sujeito por meio de seus pregadores. Elas reproduzem o cotidiano interpretando a Bíblia e garantindo, através dessa interpretação, certos sentidos.

Neste trabalho, a ênfase é justamente na cena enunciativa dos sermões pregados nos templos religiosos e transmitidos pela televisão. Para desenvolvê-lo, utilizamos um *corpus* constituído por seis programas religiosos veiculados nos meses de dezembro de 2003 e janeiro de 2004, em seis emissoras diferentes. Durante esse período os programas foram gravados, assistidos e analisados. Abaixo a relação dos programas que constituem o *corpus*:

Tabela com os programas que compõem o corpus de análise

PROGRAMA/EMISSORA	IGREJA
Show da Fé Rede Bandeirantes	Igreja Internacional da Graça de Deus
Despertar da Fé Rede Record	Igreja Universal do Reino de Deus
Celebração da Família Rede Gospel	Igreja Apostólica Renascer em Cristo
Santo Culto em seu Lar Rede Mulher	Igreja Universal do Reino de Deus
Está Escrito Rede TV!	Igreja Adventista do Sétimo Dia
Santa Missa Rede Globo	Igreja Católica Apostólica Romana

Apesar de pertencerem a diferentes igrejas, os programas selecionados apresentam alguns aspectos semelhantes entre si, não apenas na linguagem, mas também na própria formatação da produção. Mesmo que não seja difícil identificar o mau uso das estratégias midiáticas e baixa qualidade técnica em alguns programas, os pregadores conseguem interagir e colher resultados significativos com suas pregações eletrônicas. Todavia, quase sempre os programas são transmitidos em horários de pouca audiência, entre 4h e 8h – por ser um período mais barato para locação nas emissoras.

Ao iniciar a nossa análise, é válido aqui esclarecer que a cena enunciativa do sermão, seja ele proferido apenas no templo ou também nos mass media, é organizada com objetivo de alcançar um efeito, e o

locutor, que é o pregador, recorre a certas manobras da linguagem decifrando os mecanismos do implícito para que os fiéis possam compreender o que está por trás das palavras. Ou seja, os que falam o discurso religioso estão constantemente atualizando este discurso que é do outro, o discurso de Deus.

Dessa forma, vemos a manifestação não só do posicionamento do locutor-pregador, como portavoz de Deus, mas também uma compreensão responsiva e aceita da interpretação das palavras divinas no contexto social em que vivem os fiéis das igrejas eletrônicas.

Assim, quando estabelecemos a análise de alguns programas veiculados na TV, nos deparamos com essa compreensão responsiva dos textos através de uma encenação peculiar. Este fato é respaldado pelo que afirma Maingueneau (1998:85), quando diz que um “texto não é conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”.

Nos enunciados das igrejas eletrônicas, assim como nas igrejas que não se utilizam os veículos midiáticos, os conteúdos das pregações são apresentados a partir da leitura do texto bíblico. Os pregadores-locutores, preparando-se para instruir os fiéis sobre as revelações de Deus no texto sagrado, pedem que os ouvintes ou telespectadores abram as suas bíblias no texto de referência da mensagem, criando necessariamente a ocasião que antecede e “encena” o sermão.

É pertinente aqui apresentarmos um pouco deste contexto de encenação do discurso religioso nos mass media. Afinal, na maioria das igrejas eletrônicas, costumeiramente um(a) pregador(a) desloca-se até o al-

tar, posiciona-se no púlpito de onde pode ser visto(a) por todos que estão presentes dentro do templo e começa a proferir o seu sermão. Este discurso, dirigido inicialmente aos fiéis que se encontram na sede da igreja, é retransmitido em cadeia nacional pelo rádio e/ou pela televisão, simultaneamente, atingindo ouvintes e telespectadores em diversas localidades do país.

Quando analisamos esta cena enunciativa, verificamos não só a atualização do discurso por parte do locutor-pregador que apresenta o discurso divino sob a sua interpretação. Percebemos, igualmente, uma tripla interpelação (Maingueneau, 1998), onde, dependendo do ponto de vista que assumamos, poderemos visualizar três cenas de enunciação:

- a cena de enunciação é a de um discurso religioso (tipo de discurso);

- a cena de enunciação é a de um discurso religioso que utiliza o texto bíblico a partir de uma interpretação contextualizada para os ouvintes da mensagem proferida – um sermão (gênero de discurso);

- a cena da enunciação é a de um(a) pregador(a), ministro(a) da igreja, previamente designado(a), que de um púlpito fala aos seus ouvintes no templo ou nos veículos de comunicação (um sermão específico acontecendo em um tempo e lugar determinados).

Os ouvintes, nos casos analisados, encontram-se simultaneamente envolvidos nessas três cenas relatadas. Estes ouvintes são interpelados, ao mesmo tempo, como fiéis da referida igreja, como ouvintes e telespectadores

que anseiam ouvir sobre as Escrituras Sagradas e como interlocutores e membros (cena construída a partir dos ouvintes no templo). Nessa perspectiva, Maingueneau (1998) fala em cena “englobante”:

“A cena englobante é a que corresponde ao tipo de discurso. Quando recebemos um folheto na rua, devemos ser capazes de determinar a que tipo de discurso pertence: religioso, político, publicitário etc., ou seja, qual é a cena englobante na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo, em nome de que o referido panfleto interpela o leitor, em função de qual finalidade ele foi organizado”. (Maingueneau, 1998:86).

Na nossa análise, os discursos das igrejas eletrônicas caracterizam-se por uma enunciação religiosa e implicam em pregadores que se dirigem aos fiéis. Nesse sentido, percebemos, de fato, uma caracterização mínima, entretanto, não apresenta como peculiaridade o caráter atemporal, “pois é ela quem define a situação dos parceiros e um certo quadro espaço-temporal”. (Maingueneau, 1998:86).

Não se pode simplesmente dizer que a cena de enunciação de um enunciado religioso é a cena “englobante” religiosa. Obviamente, tal definição se apresentaria incompleta e insuficiente. Afinal, um enunciador que prega a respeito de determinados textos bíblicos, dentro de uma denominação específica, não está tratando ou abordando o religioso em geral, até mesmo porque tal campo é infinitamente diversificado, mas sim com um gênero de discurso específico ou particular. Isso ocorre tão somente

porque cada gênero de discurso estabelece o seu próprio papel. Nos casos em análise, o “ministro religioso” dirige-se, em primeira instância, aos “membros” da sua igreja presentes no templo. Assim, podemos vislumbrar o que é chamado de quadro cênico. O quadro cênico é que definirá “o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero do discurso”. (Maingueneau, *op. cit.*, p.87). Dessa forma, os fiéis das igrejas eletrônicas só poderão entender e assimilar seu discurso com este quadro cênico na mente.

Quando se trata de constituir o quadro cênico do discurso religioso em questão, é imprescindível esclarecer que o “dizer é algo completamente diferente de uma simples transmissão de informação” (Maingueneau, 1996, p.94). Quando encena a interpretação da palavra de Deus contida na Bíblia, as subjetividades interpretativas dos pregadores midiáticos afloram, ficando claro que a própria imagem da igreja institucional é reiterada em função do que é encenado no púlpito. O discurso veiculado na televisão concretiza-se como uma rede complexa de significações, na qual o efeito é ressaltar as posições ideológicas da denominação. Dessa forma, os pregadores interpretam a Bíblia de forma a dialogarem com o cotidiano, empenhando-se “constantemente em posicionar-se através do que dizem, a afirmar-se afirmando, negociando sua própria emergência no discurso (...), antecipando as reações do outro (...)” (Maingueneau, *op. cit.*, p. 21).

Contudo, é com uma cenografia que se confronta os ouvintes das igrejas eletrônicas e não diretamente

com um quadro cênico. Maingueneau (1998) afirma que a cenografia acarreta o deslocamento do quadro cênico para um segundo plano. O autor chega à conclusão que todo e qualquer discurso, por sua própria manifestação e materialização, intenciona convencer, ao instituir a cena de enunciação, que poderá torná-lo legítimo e aceitável.

Por outro lado, o tom discursivo assumido dependerá, portanto, dos objetivos pretendidos pelo locutor na cena enunciativa. Na enunciação do sermão, o *ethos* dos sujeitos (os pregadores) determina a compreensão da realidade, implicando a reprodução e a reiteração do jogo de imagens que as igrejas eletrônicas constroem em favor de certas convicções e crenças.

Quanto ao conceito de *ethos*, Maingueneau (1987) considera a existência da representação do caráter jovial, severo, simpático e da corporalidade (conjunto de traços físicos) do enunciador que emite o discurso. Esta emissão estará articulada às antecipações daquilo que o co-enunciador constrói no processo de interação com o enunciador. Para o autor, concepção, caráter e corporalidade são totalmente inseparáveis, articulam-se e apoiam-se sobre estereótipos padronizados na coletividade onde é produzida a enunciação.

Vemos isso no jogo de cena de grande parte dos pregadores midiáticos que, em determinados momentos da pregação, choram, riem, gritam, cantam ou falam línguas estranhas³ e levam seus ouvintes ao mesmo padrão de comportamento. Sendo assim, os dizeres são mobilizados num quadro enunciativo propício e peculiar à coletividade da igreja, pois,

enquanto “reproduz” e “interpreta” a fala de Deus, as igrejas eletrônicas se representam e se mantêm como instituições de privilégio, detentoras da legitimação dos porta-vozes de uma verdade inquestionável. Daí se instaura a constituição de um não-eu que se torna eu na medida em que o pregador “acolhe” o que é dito pelo outro (que é Deus) para a real legitimação do seu discurso.

No gênero sermão, o modo de presença dos pregadores e dos fiéis instaura relação dialógico-interacional, com a finalidade de perpetuar um modo discursivo de falar sobre Deus e as verdades divinas. Assim, o sermão é a marca que dá a palavra aos pregadores das igrejas eletrônicas, cuja cenografia é imposta de forma imediata quando os fiéis são atingidos e aceitam o lugar que lhes é consignado nesta cenografia:

“Com efeito, tomar a palavra significa, em graus variados, assumir um risco; a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (Maingueneau 1998:87).

Maingueneau (1998) defende que, dessa forma, a cenografia implica necessariamente em um processo de enlaçamento paradoxal. Este enlaçamento paradoxal consiste na suposição gerada pela fala do locutor em determinada situação de enunciação. Em outras palavras, a enunciação presente na situação real vai sendo validada e legitimada gradativamente

através da própria enunciação. Assim, segundo o autor, “a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra” (op. cit., p.87).

Nessa perspectiva, os pregadores das igrejas eletrônicas constroem paulatinamente a encenação do sermão, que constitui um gênero de discurso peculiar, expressando em suas falas um conteúdo semântico que atende aos objetivos e aos interesses da instituição religiosa no que diz respeito a sua ideologia. Assim, a cenografia apresentada legitima os enunciados, que acabam por sua vez, legitimando a própria cenografia e estabelecendo que ela nasce onde nasce a fala.

Na dinâmica interacional, ao nascer junto com a fala, a cenografia é necessariamente aquela que é exigida para enunciar como convém, pois ela só se manifestará verdadeiramente se puder controlar o seu desenvolvimento, mantendo um real distanciamento em relação ao co-enunciador.

Nos sermões das igrejas eletrônicas, a cenografia obedece a uma estrutura padronizada que mantém a imagem da instituição na sua relação com o divino, a partir do tom profético das falas dos locutores-pregadores que comumente anunciam as revelações, as promessas e a vontade de Deus.

Ao assumirem este papel profético, os pregadores não só revelam as bênçãos, as provisões e a porção de Deus, mas também se colocam na cena enunciativa assumindo um *ethos* pertinente ao discurso. Agindo dessa maneira, os profetas fazem a ligação entre os dois reinos (espiritual e material). Portanto, o fato dos profetas pregadores estarem situados no reino material, não restringe sua ação a ele, pois o profeta, como

mediador de Deus, encontra-se também na dimensão espiritual, tornando-se autorizado a dizer: “Eu profetizo na tua vida” “Eu sei qual é a promessa (ou a vontade) de Deus para você”, “Eu conheço a medida de Deus (que é abundante) para tua vida” e assim por diante. Em outras palavras, os pregadores ao vivenciarem o estatuto de profetas, agem no mundo dos homens direcionados por uma orientação espiritual do próprio Deus.

O sermão acaba por transformar-se em uma estratégia comunicacional na qual são destacadas verdades bíblicas e revelações divinas sob a ótica do cotidiano, na atualização das mensagens pregadas, na ponte com o dia-a-dia das pessoas e no viés da própria cena enunciativa relatada da Bíblia. Desta forma, é possível enxergar o objetivo dos enunciadores de reiterar abordagens práticas para uma vida segundo a abundância de Deus e da Teologia da Prosperidade⁴.

Nesse contexto, é importante que retornemos às peculiaridades do conceito de *ethos*. Como os enunciados são produtos de uma enunciação que implica em uma cena, e como toda fala procede de um enunciador real, encarnado – mesmo quando escrito, e não falado – a fala obrigatoriamente é sustentada por uma voz, que segundo Maingueneau (1988:95) é: “a voz de um sujeito situado para além do texto”.

No discurso das igrejas eletrônicas, o *ethos* se manifesta de igual forma na própria enunciação, tão somente porque, os sermões proferidos “encarnam” as particularidades que normalmente são assimiladas ao comportamento dos fiéis religiosos das denominações. Poderíamos esmiuçar esta lógica a partir das atitudes

desencadeadas pela fala dos locutores-pregadores midiáticos. Com um discurso bastante direto, eles enunciam as diretrizes a partir das interpretações de um texto fonte – a Bíblia – não deixando margens para interpretações contrárias. Por isto, é comum, no início dos sermões, o anúncio de que se trata de uma revelação dada por Deus ou pelo Espírito Santo, além do chamado para a leitura do texto bíblico.

Com a legitimação paralela da utilização do texto bíblico, vemos as enunciações, as falas e as palavras virem de pessoas que, através destas palavras, transparecem e demonstram as qualificações religiosas e espirituais imprescindíveis para evocarem em seus discursos os desígnios e propósitos de Deus.

Segundo Barthes (1996), a característica essencial do *ethos* “são os traços de caráter” que o locutor deve evidenciar ao seu auditório (pouco importa que ele seja, ou não, sincero), a intenção é a de causar uma boa impressão: “são os ares que assume ao se apresentar”, ou seja, segundo o autor, o locutor/orador ao enunciar a sua fala diz paralelamente “eu sou isto, ou não sou aquilo”. Assim, observamos em nossa análise, estes locutores-pregadores interpretarem o texto fonte, decodificando a sua linguagem, ao mesmo tempo em que encarnam em si, o ideal proposto em seus enunciados, provocando nos ouvintes a plena adesão as suas palavras. Produz-se neste processo, através da enunciação, um “imbriçamento” entre os enunciados e o mundo representado: os enunciadores pelo modo que enunciam, atestam a legitimidade do que dizem conferindo, em si mesmos, autoridade à suas falas pelo simples e contundente fato de encarná-las em suas vidas. O maior exemplo disso

está na perspectiva da abundância material vista na vida da maioria dos líderes das igrejas eletrônicas.⁵

Percebemos que o *ethos* dos locutores institucionais das denominações que utilizam a mídia acaba sendo montado e constituído a partir de certas noções, atitudes, comportamentos e estilo de vida de quem faz parte da liderança da denominação. Como se os locutores-pregadores pudessem simplesmente dizer: “olhem para mim, vejam que a minha vida encarna o que eu prego”, mesmo que, literalmente, não digam isso. A respeito do *ethos* comenta Ducrot (1984:201):

“Não se trata de afirmações elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que, contrariamente, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem o ritmo, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos (...) É na qualidade de fonte da enunciação que ele se revestido de determinadas características que, por ação reflexa, tornam essa enunciação aceitável ou não”.

Para a enunciação se tornar aceitável, percebemos, na análise dos programas, que os pregadores colocam-se como referenciais quando falam de si mesmos. O papel que eles passam a desempenhar está longe de ser o de pessoas passivas diante das dificuldades. Assim, apresentam-se como dotados de fé, vontade própria e livre arbítrio, para buscarem e alcançarem o carisma, a vitória e a prosperidade de Deus. Estes pregadores se moveram em direção ao poder de Deus e agora se colocam como referenciais de sucesso e modelos a serem seguidos.

Nessa hora, é importante considerar que o percurso discursivo dos sermões é apresentado em sua constituição, a partir das posições discursivas adotadas pelas denominações em suas estruturas doutrinária e argumentativa (Teologia da Prosperidade, Confissão Positiva, Batalha Espiritual, entrega de dízimos e ofertas, entre outros), com ênfases mais leves e mais sutis no discurso da Igreja Católica Romana, embora, gradativamente, os pregadores católicos estejam reproduzindo o discurso religioso evangélico, inclusive com referência aos dízimos⁶.

Do ponto de vista semântico, a enunciação dos sermões dos pregadores midiáticos remete os fiéis a discursos que estão em circulação no meio evangélico neopentecostal⁷ que luta contra a crise – para eles, resultado da ação do diabo que tenta atrapalhar os planos de Deus, causando sofrimento ao gênero humano – e traduz, por conseguinte, um quadro socioideológico de confrontação ou de aceitação das idéias. Assim, vemos na auto-evocação da autoridade profética e espiritual dos ministros das igrejas eletrônicas, a indução da aceitação aos postulados religiosos da denominação apresentada na propagação da luta travada como uma batalha espiritual, acarretando, em seguida, à não-aceitação de uma vida de dor, sofrimento e derrota.

Nesta condição, os locutores-pregadores declaram a vitória dos servos de Deus, negando a aceitação da desgraça, da pobreza, da miséria, porque repreendem o inimigo (diabo) e alegam que os fiéis receberão de volta o que ele roubou, inclusive a saúde (se for um caso de enfermidade). Desse modo, os locutores-pregadores manifestam, além da percepção

dos fiéis, os seus próprios pontos de vista, reiterando o subentendido de que eles são portadores de autoridades divinas, concedidas não só pela igreja instituição, mas também de forma sobrenatural por Deus. Os discursos são concebidos de maneira que os postulados das igrejas sejam respaldados e incutidos no dia-a-dia dos fiéis que encontram, no universo em que estão inseridas, as presenças de corpos enunciados semelhantes aos apresentados no discurso da denominação. Ver-se então, os pregadores-enunciadores, cujos corpos participam da cenografia, encarnarem o “ideal” de vida, obtido quando atrelado à adesão aos postulados doutrinários da denominação religiosa em questão.

A partir disso, esses postulados, pregados exaustivamente nos sermões midiáticos, podem penetrar no imaginário dessa cenografia constituída e experimentar a adesão de se inscrever fisicamente neste contexto, passando a vivenciar de modo palpável tal cenografia.

Notas

¹ Informações extraídas da revista eletrônica com base nos dados do Instituto de Estudos da Religião (Iser), no site: http://www2.uol.com.br/revista_da_tv.htm#08, consultado em 12.12.03.

² A tese da heterogeneidade discursiva foi instituída na 3ª fase da Análise do Discurso, com Authier-Revuz. Na década de 80, mais precisamente em 1982 e 1984, a autora lançou dois artigos que abordavam o tema da heterogeneidade. Em tais artigos, ela sustenta que a homogeneidade do discurso é uma ilusão, apresentando a tese que o discurso é, na verdade, atravessado por “outros” discursos que denunciam necessariamente a presença de diversas vozes em uma só voz.

³ Existem duas classificações para o “falar linguas estranhas” a saber: Xenoglossia -falar em língua estrangeira sem o prévio conhecimento da mesma (como no livro de Atos dos Após-

tolos – At 2:7-8) e glossolalia - falar em língua desconhecida, ou seja, a língua dos anjos - que é desconhecida dos homens.

⁴ Surgida nos Estados Unidos, a Teologia da Prosperidade é chamada Health and Wealth Gospel, trata-se de uma corrente cujo discurso valoriza a prosperidade e reabilita eticamente o dinheiro e os ganhos materiais. (Prandi, 1997).

⁵ A maior parte dos líderes religiosos que utilizam mass media desfrutam de prestígio, fama e condições financeiras bastante satisfatórias.

⁶ A doutrina do dízimo consiste na devolução a Deus de 10% dos ganhos provenientes dos rendimentos profissionais. A necessidade de entrega dos dízimos, segundo texto veiculado pela Igreja Católica no site <http://www.catedraldecaxias.org.br/dizimo.php>, consultado em 05.01.04, se faz porque: “ *O Dízimo é um compromisso com a sua igreja e com o próximo, uma resposta de consciência de sua família e um ato de amor, de partilha e de justiça com Deus e com a Igreja. Não deve ser considerado como uma esmola que a família dá contra a vontade, nem como um pagamento, uma taxa ou imposto. Também não é uma troca de favores, nem comércio e, muito menos, uma compra de sacramentos*”.

⁷ Conforme Ricardo Mariano, em seu artigo “O futuro não será protestante”, o “Neopentecostalismo”, como estratégia “proselitista”, pouco exige dos adeptos. A exceção mais evidente fica por conta dos incessantes pedidos de dízimos e ofertas. Em troca, promete a solução para todos os problemas, o fim do sofrimento, a panacéia. Seu sucesso fundamenta-se extensamente no milagre, na magia, na experiência estática, no transe, no pietismo ou na manipulação da emoção transbordante e desbragada, todas práticas desprezadas e reprimidas pelas igrejas católica e protestante históricas. Propiciam, em suma, magia e catarse para as massas.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. “ Heterogeneidade Mostrada e Heterogeneidade Constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso”. Paris. In: *DRLAV 26*, 1982

BARTHES, R. “ L’ancienne rhétorique”. In: *Communications*, nº 16, 1996.

DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Éditions de Minuit, 1984.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 2ª ed. Trad. de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1993.

MAINGUENEAU, D. "O Cenário da Enunciação: a cenografia." In: *O contexto da obra literária*. Trad. de Marina Appenzeller; Rev. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MAINGUENEAU, D. "O Discurso Citado." In: *Elementos da lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2ª ed. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MARIANO, R. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. São Paulo: dissertação de mestrado em Sociologia, FFLCH-USP, (1995).

PRANDI. *Um Sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Fapesp), 1997.

RIVERA, P. *Tradição, transmissão e emoção religiosa*. São Paulo: Olho D'água 2001.

Karla Regina Macena Pereira Patriota é doutoranda em Sociologia e mestre em Comunicação pela UFPE. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e da Faculdade Pernambucana (Fape).